

Memórias de sertanejos: apreensão e reconstrução do sentido do trabalho na fala do migrante rural nordestino

Countrymen's memories: apprehension and rebuilding of the sense of work in the migrant's speech in Brazil's Northeastern region



Gerardo Clésio Maia Arruda¹

Resumo

Neste artigo, busca-se compreender a representação do trabalho a partir da fala de migrantes sertanejos que se deslocaram para a cidade, nos anos 1960. Analisam-se suas relações com membros familiares e grupos de iguais, com o objetivo de entender os significados inculcados nas primeiras interações. Através de suas lembranças remete-se a problemática à análise de um momento em suas trajetórias de vida, em que estavam inseridos em um cotidiano vivido na zona rural do semi-árido nordestino da primeira metade do século XX, estribada em expectativas relacionadas ao agir do outro, conhecidas e reconhecidas por todos.

Palavras-chave: Memórias. Representação do Trabalho. Trabalho Infantil. Nordeste do Brasil.

Abstract

In this article, it is sought to understand the work representation directly from countrymen's speech, specially those who came to the big city in the sixties (60's). It is analysed their relations with members of the family and similar groups, with the objective to reveal the meanings hidden in the first interactions. Through the reading of their memories, it is demonstrated their way of living in the Northeast countryside of Brazil, in the first half of the 20th century, in a society whose expectations were related to the other people's attitudes, known and recognized by all.

Keywords: Memories. Work representation. Work in childhood. Northeast of Brazil.

À guisa de introdução: sujeitos pesquisados

Sob orientação de uma assertiva de Ginzburg (1991, p. 27), foram selecionadas pessoas que pudessem ser pesquisadas “como se fossem um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico”. Assim, considera-se, na escolha dos sertanejos migrantes pesquisados, que, conjuntamente, deveriam formar uma *representação coerente* das condições de reprodução dos trabalhadores rurais do semi-árido de meados do século XX. Neste sentido, foram adotadas formas de inserção nas relações de trabalho da zona rural como um filtro, para selecionar os pesquisados. Isto levou à opção por estudar um

migrante que, quando no sertão, trabalhou na agricultura na condição de *parceiro*, ou seja, subsistindo numa terra que pertencia a outra pessoa e, em troca deste uso, cedendo parte do resultado de seu trabalho.

Distinguiu-se o trabalho na forma da *parceria*, como ocupação representativa, em virtude da relevância de sua *frequência estatística* dentre as ocupações agrícolas sertanejas; mais especificamente, o *parceiro-morador*; como o ideal para esta pesquisa. Com isto, acredita-se ter esta opção caracterizado a prática de *parceria* mais comum na área do semi-árido e, também, aquela em que as crenças e sentimentos construídos na relação com o grupo de iguais e com fazendeiros são comuns aos que se encontram em

¹ Doutor em Sociologia; Professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

outras situações de *parceria*, assim como o *parceiro-pequeno proprietário*, que combina a exploração de uma pequena gleba com o trabalho de *parceiro* para um proprietário de terra e ainda o *parceiro diarista*, que reside num povoado ou cidade próxima da fazenda em que trabalha de *parceiro*.

Outra atividade constituída na exploração econômica do semi-árido no período que compreende a sua ocupação até meados do século XX, portanto representativa das atividades executadas pelos migrantes em seu lugar de origem, é o trabalho agrícola exercido na condição de membro de uma família possuidora de uma pequena propriedade. Assim, garante uma cobertura das situações de trabalho agrícola na zona rural e que se apresentam como as mais freqüentes dentre os migrantes sertanejos aqui enfocados, pois, entre os pequenos proprietários, distinguidos pela capacidade de resistir mais tenazmente aos períodos de chuvas escassas, como salienta Neves (2000), também se constituem os migrantes que demandam às cidades, quando a estiagem abrange um período de tempo mais longo.

A pecuária foi a atividade que propiciou a ocupação do semi-árido nordestino e, mesmo ocorrendo, a partir do século XIX, uma redução da participação relativa da pecuária na produção de riqueza frente ao extrativismo e ao comércio das cidades, esta é uma atividade ainda hoje praticada neste espaço do Nordeste. Na verdade, a ocupação de vaqueiro é aquela que se encontra na base da formação social sertaneja.

Após identificar as atividades que, consideradas conjuntamente, poderiam possibilitar o conhecimento do comportamento do trabalhador rural do sertão nordestino da primeira metade do século XX, houve seleção e entrevista com três pessoas que pareceram as mais adequadas a terem investigadas suas trajetórias de vida.

Osmar Santos é, dentre os selecionados, o de idade mais avançada; quando entrevistado, tinha 68 anos. Nasceu no Distrito de São Bernardo, município de Massapê, distando aproximadamente 20 quilômetros de Sobral. Nos primeiros anos de vida, acompanhou o pai, a mãe e os irmãos em deslocamentos para vários outros povoados do interior do Ceará. Seu pai era um *parceiro-pequeno proprietário*; Osmar trabalhou como *parceiro-morador*, cultivando feijão, milho e algodão.

Aos dezesseis anos, em virtude da seca e da dificuldade de encontrar trabalho no interior do Ceará, migrou para o Piauí e ali trabalhou na extração de cera de carnaúba. No entanto, alguns meses depois, ao

receber notícias de que havia expectativa da ocorrência de quadra invernosa, retornou a sua terra natal. Aos dezoito anos, novamente impelido pela falta de oportunidade de trabalho, empreendeu nova migração, desta vez para a cidade de Sobral, onde se fixou.

Naquele município, casou e teve cinco filhos, dois homens e três mulheres, sendo uma delas por adoção. Somente uma das filhas conseguiu concluir o ensino médio, concentrando-se em Pedagogia. No início de sua vida, em Sobral, o sertanejo que havia trabalhado de *parceiro* na agricultura e como diarista na extração de cera de carnaúba, experimentou vários trabalhos: o de vendedor, envernizador de instrumentos musicais e de operário fabril. Após sucessivas experiências, firmou-se numa fábrica de móveis, exercendo a atividade de marceneiro. Hoje, trabalha por conta própria, numa pequena oficina situada na periferia da Sede do Município, e fabricando móveis por encomenda.

Francisco das Chagas Venuto, quando no sertão, trabalhou como vaqueiro. Órfão de pai aos cinco anos de idade. Vivia com a mãe, a avó e dois irmãos menores. Ainda garoto, trabalhava, durante o dia, com a mãe, no roçado e, à noite, na confecção de chapéus de palha. Na fazenda em que sua mãe trabalhava de *parceria*, Chagas recebeu convite para trabalhar no trato dos animais; começou executando a atividade de separação de bezerros e ordenha das vacas, por cujos serviços recebia em troca alguns litros de leite. Assim, passou a auxiliar no sustento da família, depois aprendendo o manejo de outras tarefas, até se tornar vaqueiro. Permaneceu na fazenda até os dezessete anos de idade, quando migrou para Brasília e foi trabalhar na construção civil, segundo o próprio Chagas, “porque estava cansado de viver uma vida daquelas, pegando boi nos matos”. Após alguns meses em Brasília, foi para São Paulo e, em seguida, para o Rio de Janeiro. Não escolhia trabalho: foi operário da construção civil, vigia, balconista, entregador de mercadorias.

Chagas saiu do sertão, andou em cidades grandes do país, mas acabou retornando ao interior do Ceará. Casou-se com a filha de um pequeno proprietário de terra e migrou para a cidade de Sobral; teve sete filhos, sendo que uma filha concluiu o curso pedagógico e atualmente trabalha como professora da Prefeitura Municipal de Forquilha. Um filho se formou em Contabilidade. Aos cinqüenta e nove anos, continua trabalhando, agora, como operário, numa fábrica de colorau.

José Ferreira de Matos é o mais moço deles. Quando entrevistado, contava cinqüenta e um anos. Ferreira, filho de um pequeno proprietário de terra, assim como tantos outros sertanejos, começou a trabalhar cedo, auxiliando o pai na plantação de feijão, milho, algodão e na criação de alguns animais. Possuía um burro para o transporte, vinte reses e algumas ovelhas; plantava o suficiente para se alimentar, trocar e armazenar para a próxima semeadura. Mesmo dispondendo de condições de se reproduzir socialmente em seu próprio local de origem, Ferreira migrou para a cidade de Sobral.

Inicialmente, executou vários trabalhos, todos de caráter temporário, até se efetivar como empregado da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Ceará. Depois que conseguiu este emprego regular e formal, com registro em Carteira de Trabalho, casou-se e teve duas filhas. A mais velha graduou-se em Contabilidade e trabalha como profissional liberal em escritório próprio; a filha mais nova, à época da entrevista, estava se preparando para fazer o vestibular. Ferreira, segundo ele, sob a influência da esposa, cursou o supletivo e concluiu o ensino fundamental e médio. Em seguida, prestou vestibular na Universidade Vale do Acaraú (UVA), graduando-se em Filosofia e História. Hoje, Ferreira é sindicalista rural.

Lembranças de uma infância de trabalho

Os sertanejos, entre seis e oito anos de idade, aprendem com os pais as atividades mais simples, na agricultura e no trato dos animais. Os papéis sociais se confundem no cotidiano: o sertanejo é *pai-patrão-mestre de ofício*. Interage com os membros familiares visando a diferentes objetivos, como o de manter a unidade familiar, garantir a produção dos bens necessários a sua reprodução e o de ensinar as tarefas da agricultura e do trato de animais aos filhos.

Foi notório, durante o relato de suas trajetórias de vida, que os sertanejos sempre evocavam a memória, lembravam de seus pais e o faziam através do tema trabalho. Osmar, por exemplo, descreveu seu pai como um trabalhador sem terra, que se desdobrava para garantir a sobrevivência da família.

Chagas, o ex-vaqueiro que se tornou órfão de pai muito cedo, lembrou a mãe trabalhadora, que, para

sustentar três filhos ainda pequenos, trabalhava na roça durante o dia e à noite na confecção de chapéus de palha de carnaúba. Foi sua mãe quem, na verdade, mostrou-lhe e demonstrou-lhe que o tempo de vida do sertanejo se confunde com o tempo de seu trabalho:

Mamãe era disposta. Ela nos colocava de lado e ia para o roçado. Cavava de um lado e de outro, eu e meu irmão íamos semeando. O mais novo ficava com minha avó. Nós saímos umas três horas da manhã para o roçado, comíamos cuscuz passado no pilão. Passávamos o dia trabalhando sem sequer comer uma farinha d'água com rapadura, como é costume entre os agricultores. No roçado era só água, e somente quando chegávamos em casa é que comíamos feijão.

[...] À noite fazíamos chapéu de palha. Ela riscava umas cinqüenta abas para cada um. Não tinha escolha! Fazia ou tomava peia. Mas isso era só para amedrontar, ela nunca batia na gente. E assim nós íamos pelejando[...]

Até mesmo Ferreira, filho de um proprietário de terra, que, nos momentos de trabalho mais intenso contratava trabalhadores no sistema de *parceria*, também ia para o roçado auxiliar o pai nos serviços da queimada, da plantação e da colheita, referindo-se ao pai nos seguintes termos:

Um dia, fazia uma chuvinha fina, ele brigou comigo porque eu tinha deixado as sementes fora.

- Não dá para nascer, meu filho! A semente fora, desse jeito, não nasce.

Mas choveu muito à noite. A chuva contribuiu para aterravar as covas, e o algodão nasceu todo. Depois a gente passava por lá e ele dizia:

- Meu filho, aquele algodão que nós plantamos nasceu todo, já está capoeira e estamos colhendo algodão.

Para os pais de Osmar, de Chagas e de Ferreira, era importante que os filhos fossem iniciados o mais cedo possível no trabalho, em coisas práticas, úteis. Que soubessem *fazer cerca, cavar poços, amansar brabos*², preparar o terreno, semear a terra e fazer a colheita. Quanto a isto, foram bem orientados: seus pais, com rigor, deram-lhes a lição. Osmar, se fosse preciso, saberia repassar a lição aprendida. Chagas também se mostrou um bom aprendiz:

² Forma como o personagem Fabiano, no romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, se expressa para indicar em que os filhos deveriam ser orientados, para saberem enfrentar as adversidades do mundo sertanejo.

Faço, na hora, o parto de uma vaca. A vaca tem a placenta que vem... O bezerro vem na frente, mas, quando dá problema, a placenta vem na frente e o bezerro atrás; o bezerro fica preso querendo vir, mas não vem. A vaca se deita, arreia, cai; se não tomar providência ela morre. Eu pegava uma lata de óleo, uma agulha grossa, própria, levava o fio próprio; amarrava a vaca, que era pra não dar coice; chegava metia a mão dentro, sem luva, sem nada; lavava os braços bem lavados, para não ter risco, nem nada; soltava o bezerro, puxava o bichinho, e ele vinha. É muito interessante! Dava os pontos na vaca, depois ela se levantava, ficava por ali..., chegava perto do bezerro e lambia o bichinho.

Um olhar superficial sobre as falas dos sertanejos induz a pensar que a ida do jovem para o trabalho, levado pelos pais, é um acontecimento *natural* na vida do sertanejo. Parece até que não há aí nenhum *conflito*, dado que, nos relatos, o ato da criança se dirigir diariamente a um trabalho de jornada extensa aparece como se ela estivesse indo ao encontro de colegas, dar vazão às necessidades próprias da meninice. Adota-se aqui o sentido dado por Simmel ao termo *conflito*, ao defini-lo como algo sempre presente na existência do indivíduo e que é formador de sua personalidade, além do que, assegura “algum tipo de unidade, ainda que através da aniquilação de uma das partes conflitantes” (SIMMEL, 1983, p. 122). Os relatos demonstram que é através de uma *interação conflituosa* que os filhos assimilam o costume de auxiliar o pai no trabalho. Ora, o que se verifica neste evento é que o pai, através do exercício tradicional da autoridade, inculca no filho o trabalho como valor moral. É claro que a produção agrícola, baseada na unidade familiar, necessita também da força de trabalho dos mais jovens e é, normalmente, o pai quem ensina as tarefas aos filhos, sendo estas inclusive uma característica universal do trabalho rural. Contudo, a transferência de um valor cultural é outra característica presente na relação pai e filho, pois há, entre os camponeses, como diz Redfield (1956, p. 23), “uma valorização tão positiva do trabalho que o define não apenas produtivo do ponto de vista material, mas também como cumprimento de uma ordem divina”.

Chagas, ao recordar, lembrar sua infância, confessa uma dívida para com sua mãe, que trabalhava dia e noite para alimentar os três filhos: *Eu e meus irmãos devemos isto a ela. Viúva e com uma mãe velha, foi capaz de nos manter vivos.* Faz uma pausa para reflexão e diz: *Saiamos umas três horas da manhã para o roçado.* Silencia, reflete, parece pensar: não era

justo, para uma criança, uma vida daquela. Trabalhava o dia todo, sem comida, só tinha direito à água. Olhando para o passado, avalia:

Não havia escolha, mamãe tinha que nos obrigar a trabalhar neste regime, não possuíamos recurso. Que fazer, então? (...) Mas mamãe era muito boa, ameaçava nos bater, mas nunca concretizava a ameaça. Toda vida eu fui preocupado com minha mãe, toda vida...

Silencia novamente e parece pensar: até mesmo nesta época de tanto sofrimento? É, talvez não, provavelmente desejasse brincar, caçar, pescar.

Ferreira, ao discorrer sobre a obrigação de trabalhar durante a infância, demonstra sua insatisfação mais explicitamente. Em sua fala, não se utiliza de subterfúgios, deixando claro que o processo disciplinador ao qual foi submetido na infância lhe deixou marcas. Suas lembranças são as de uma criança que, trabalhando na chuva, dando o máximo de si, ainda era repreendida pelo pai, que o censurava dizendo: *A semente fora, desse jeito, não nasce.* Mais à frente, Ferreira fala sem esconder o entusiasmo:

Ah! Mas mesmo assim nasceu. Choveu. A semente foi aterrada. O algodão nasceu. Ferreira foi à desforra! Ouvi depois de meu pai: Meu filho aquele algodão que nós plantamos nasceu todo, já está capoeira e estamos colhendo algodão.

Os pais executam seu trabalho com rigor e ensinam os filhos a fazerem o mesmo. Esforçam-se para tornar seu comportamento uma referência que transmite a máxima: ao trabalho o homem deve-se entregar com toda sua energia e sem cometer erros. Enfim, o que o pai do sertanejo almeja, ao lhe transmitir ensinamentos práticos, é inculcar nele a idéia de que é só através do trabalho que o indivíduo se torna alguém digno, uma pessoa merecedora de respeito. A *relação conflituosa* que o sertanejo mantém com seu pai, na infância, deve ser entendida, sobretudo, como um momento do *processo de socialização*.

Compreende-se aqui *processo de socialização*, como o canal por onde se efetiva a construção da identidade social do indivíduo. Portanto, como o desenvolvimento de hábitos concernentes a um momento específico de um espaço particular. Operacionalizando-se o conceito de socialização, adota-se a perspectiva de Berger e Luckmann (2001), que distinguem as formas de socialização como primária e secundária.

A socialização primária torna o indivíduo membro de uma sociedade. Seu mecanismo é constituído das relações entre o mundo social da família e o universo institucional da escola (DUBAR, 1997); o aprendizado da fala, da leitura e da escrita são os saberes de base que permitem ao indivíduo apreender os *modelos predefinidos de condutas sociais*. Mas é preciso considerar que, na zona rural do semi-árido, até a primeira metade do século XX, era restrito o acesso das crianças à escola. Desta maneira, a socialização primária do sertanejo dava-se nomeadamente no âmbito da família. Esta especificidade fez com que o sertanejo assumisse os papéis e atitudes característicos do mundo de seus pais, de forma coerente, ao interiorizá-los como os únicos possíveis e existentes.

À época em que os sertanejos se inseriam na socialização primária, havia uma seqüência de aprendizado em três etapas, compreendida da seguinte forma: entre os cinco e sete anos e até aproximadamente os doze anos de idade, a criança acompanhava o pai, que a ela ensinava o quanto era importante fazer seu trabalho com afinco, através da realização de tarefas que prescindiam do uso de quaisquer instrumentos; após os doze anos, utilizavam enxadas e pás na plantação, mas eram ainda orientados, no seu manejo, pelos pais; a etapa seguinte era o desenvolvimento de atividades realizadas sem o acompanhamento dos pais, quando sozinhos, passavam a tratar dos animais ou trabalhar num roçado, o que pressupunha a interiorização do trabalho como algo que deve ser realizado com responsabilidade. A passagem para esta última etapa mostra-se decisiva na socialização do sertanejo, pois é aí que se conclui sua socialização primária, na medida em que se forma em sua consciência o *outro generalizado*, que, de acordo com Berger e Luckmann (2001, p. 179), é quando ocorre “a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de uma identidade coerente”.

Aprendendo a ser Homem

Há uma questão, derivada das condições objetivas de reprodução do sertanejo, que impulsiona o jovem para o trabalho ainda em tenra idade. Isto foi evidenciado por Eunice Durhan, quando pesquisou imigrantes nordestinos em São Paulo, concluindo que no trabalho infantil da área rural:

Predomina a técnica mais rudimentar, não há diversificação da atividade produtiva, não há tipos

diferentes de trabalho e, consequentemente, não existem tipos diferentes de trabalhadores. [...] Deste modo, o aumento da produção só pode ser visto como resultado de um aumento de quantidade de trabalho, e não da transformação da qualidade do trabalho. Daí, inclusive, a depreciação da escola, que não constitui um instrumento de melhoria de vida, desde que não há, na sociedade rural, posições favoráveis a serem ocupadas pelo trabalhador escolarizado (DURHAN, 1973, p. 116).

Como o aumento da produção é resultado direto do aumento de trabalho e não do aprimoramento da técnica de produção, não há necessidade de que o jovem adquira conhecimento, pois é mais útil para o grupo familiar que ele ingresse rápida e diretamente no trabalho. Contudo, acredita-se que questões ligadas à tradição também se encontram presentes na determinação do ingresso prematuro do jovem no mundo do trabalho. A idade de sete anos, como limite para o menino começar a trabalhar, está presa a uma lógica que antecede à da Idade Moderna. Este corte, que remonta à Antiguidade, fundou uma tradição nas sociedades pastoris e agrícolas da Idade Média:

Herdada das taxinomias antigas, e contaminada pela simbologia dos números, para a qual a cultura medieval tem uma propensão imoderada, ela distingue a infântia (do nascimento aos sete anos), a pueritia (dos sete aos quatorze), a adulescentia (de quatorze a 21 ou 28 anos), a juventus (de 21 ou 28 a 35 anos), a virilitas (de 35 a 55 ou sessenta anos) e a senectus (acima de 55 ou sessenta anos) (PASTOUREAU, 1996, p. 246).

Tem-se que a necessidade do trabalho infantil, acrescida ao costume do jovem de iniciar cedo o desenvolvimento de atividades produtivas, é o que ainda hoje faz com que um contingente expressivo de crianças, no semi-árido, insira-se tão precocemente no trabalho, o que causa estranhamento àqueles já habituados com a classificação das idades apoiada na tradição das sociedades industrializadas, em que o tempo para estudar se estende mais longamente, variando segundo cortes impostos pelo mercado de trabalho, alicerçados na necessidade de conhecimento que deve ter o trabalhador para a operacionalização dos equipamentos e adaptação às técnicas organizacionais.

Todavia não é só à necessidade da força de trabalho e à tradição que se deve creditar a prática da inserção precoce dos meninos no mundo do trabalho, pois, a par disto, deve-se considerar que, na primeira

metade do século XX, no semi-árido, as escolas se concentravam nas cidades. O que se depreende da fala do sertanejo é que, até a primeira metade do século XX, a zona rural do semi-árido não dispunha de escolas próximas. Além disso, começavam a trabalhar cedo porque a capacidade de produção das crianças era necessária à manutenção da família, além de ser valorizado, pela tradição, o aprendizado que se faz por dentro, que se concretiza na execução mesma do trabalho. No início, realizavam atividades mais simples e, gradualmente, iam aprendendo novas tarefas, até que se tornavam conhecedores de todos os segredos do ofício. Vejamos em que trabalhavam e em que condições exerciam seu papel de jovens trabalhadores. Assim relata Osmar este período de sua vida:

Aqui e acolá eu ajudava meu pai a plantar, ajudava ele a juntar feijão. Ele mandava plantar uns carocinhos contados, eram três caroços de feijão; quando era milho, eram quatro. Às vezes, quando a gente estava com vontade de acabar, plantava era de mão cheia. Acabar logo para ir embora, sair daquele sol quente, outras vezes da chuva, cheio de mosquito. Meu pai reclamava: por isso que o meu milho acabou depressa, vocês plantaram foi de mão cheia! Ora, se a terra for forte, planta-se com quatro caroços, cinco caroços, que ela dá boa, dá um milho todo bom, mas se a terra for fraca, tem que plantar com menos caroços, que é pra terra poder dar. Feijão, geralmente só presta com três caroços, se botar mais de quatro fica muito grande, aquela moita, e ao invés de dar mais dá é menos.

Osmar começou a trabalhar em pequenas atividades: evitar que os animais invadissem os roçados e destruíssem as plantações e como auxiliar nos roçados, colocando sementes nas covas abertas pelos mais velhos. O trabalho era feito com as mãos e os pés, sem uso de ferramentas; os adultos iam à frente, abrindo as covas, e os jovens os seguiam, colocando as sementes e fechando-as com os pés. Na verdade, esta fase na trajetória de vida dos sertanejos não significa encontrarem-se eles tão-somente num período de aprendizagem; este momento significa um rito de iniciação à vida adulta, de passagem, no sentido antropológico; um rito frente ao qual a criança reage, revolta-se, ao executar a tarefa de forma contrária às instruções e aos ensinamentos dos pais. A lição dada: “Se for feijão, três caroços; milho, quatro”. Osmar não queria estar ali; provavelmente, seus pensamentos dirigiam-no para os passarinhos e os pequenos roedores que ele caçava. Por isso *plantava era de mão cheia*.

Chagas, junto ao irmão, acompanhava sua mãe que trabalhava por dois homens; cavava de um lado e de outro, abria duas fileiras de covas, e os dois, assim como Osmar, complementavam o trabalho, colocando as sementes e fechando as covas. Osmar e Chagas passaram por um primeiro estágio, o de executar tarefas mais simples, entre os seis, sete anos, e até os oito, nove anos, quando então já se encontravam aptos a realizar atividades que demandavam mais responsabilidade, entrando assim em outro estágio.

Com o passar dos anos, foram aprendendo atividades que exigiram mais atenção, como o trabalho com ferramentas e o que utiliza a força animal. Osmar, por exemplo, depois de iniciado no mundo do trabalho, foi encarregado de ir para a moagem de cana: trabalho duro, de maior responsabilidade. Já não trabalhava mais com seu pai, e sim para outros. As tarefas agora eram realizadas somente por ele; já disciplinado, acostumara o corpo à dureza do trabalho no campo, *sob o sol, sob a chuva, com mosquitos[...]* Não mais auxiliava outro, ele próprio era o responsável. Entrara noutro estágio. Aos dez anos, realiza trabalho de adulto:

Quando eu tinha uns nove, dez anos, me botaram pra tanger boi, num moedor de cana. Cana plantada na serra da Meruoca. Colhia a garapa, levava para os tachos, que era para fazer a rapadura. No sertão tem uns cabras assim..., meio doidos. A gente ia dormir umas seis horas da noite, quando era meia noite já tinha dormido muito, já estava esperto. Aqui, às vezes, a gente vai se deitar já dez, onze horas da noite. Lá... Quem trabalha, levanta cedo. Tanto faz: trabalhe em moagem de cana ou na farinhada levanta cedo. Tinha dia que o caboclo chegava lá, me chamando, era uma meia noite. Minha mãe me acordava. Eu saía com uma lamparina velha na mão, por um caminho cheio de pedras, buracos, raízes das plantas; caía aqui, caía acolá; pegava os bois num mourão, onde eles ficavam amarrados. A gente começava a rodar uma hora da madrugada e ia até o dia amanhecer. Quando amanhecia, já tinha muito bagaço de cana. Parava os bois um pedacinho. Quando terminava de botar o bagaço fora, começava de novo e ficava rodando até nove, dez horas, fazia uma limpeza e começava de novo. Nessa arrumação nós íamos até as quatro horas da tarde. Trabalhava de doze horas da noite até as quatro da tarde.

No aprendizado do trabalho, dá-se o ajustamento do sertanejo à conduta paterna, ao adotar como seu o sentimento e o valor devotado pelo pai ao labor. Mas, em seus relatos, os sertanejos afirmam que às

vezes cometiam erros propositadamente. Com isto, demonstram concretamente sua insatisfação contra o império que os obrigava a trabalhar aos seis ou sete anos de idade. Por outro lado, noutros trechos de suas falas, os sertanejos avaliam como positivo o fato de cedo terem se tornado um trabalhador, o que denuncia terem sido eles *vencidos* e que se *ajustaram* aos hábitos dos pais.

Uma rápida análise dessas passagens leva a pensar que se está diante de uma contradição, ou seja, que o indivíduo reluta e reage ao disciplinamento para o trabalho e, ao mesmo tempo, sente-se envaidecido porque se iniciou cedo no trabalho. Ora, isto acontece porque as observações referem-se a dois momentos distintos, ou seja, ao emergir da reação ao trabalho, o momento revela que a fala do sertanejo é meramente o relato de uma parte de sua trajetória de vida; ao se referir, de maneira positiva, ao ato de ter sido iniciado no trabalho quando ainda com sete anos de idade, o sertanejo está agindo na pele de alguém que volta seu olhar para o passado com hábitos e crenças atuais. Fala sobre um mesmo tema, mas agora emitindo juízo de valor, falando como quem participou de um *processo de socialização* que obteve sucesso, na medida em que assimilou os ensinamentos recebidos na infância e os incorporou a seus hábitos, passando, assim, a valorizar todo aquele que cedo começa a trabalhar.

Concluindo: o sentido do trabalho, apreendido no passado, ainda está presente no sertanejo de nossos dias.

Vale, aqui, responder à seguinte questão: agora, vivendo na cidade, integrado às suas regras e símbolos, qual o sentido que o sertanejo atribui ao trabalho? A importância dada ao trabalho e, por decorrência, o respeito àqueles que lhes ensinaram um ofício constituem um valor significativo, que eles passam para seus filhos; não lhes ensinam como plantar milho, feijão, a fazer parto de vaca, porque estes conhecimentos não são essenciais no espaço urbano. Por outro lado, não detêm o conhecimento requerido de um trabalhador na cidade, dado que são muitas as funções nesta sociedade complexa em que vivem. Como afirma Chagas, “o mundo deles, de hoje, é um pouco diferente do nosso”; mas aprenderam, no sertão, que as pessoas devem se esforçar para aprender e respeitar quem as ensina, e isto eles passaram e passam para os filhos. Esta postura de Chagas aparece em sua fala, quando discorre sobre a forma como orienta os filhos:

Eu ensino para eles como é o atendimento no trabalho, como uma pessoa deve conversar com outra: meu filho saiba entrar, saiba sair; aprenda a sua função, assuma o seu trabalho; faça o seu serviço e não dê trabalho ao patrão. Se o patrão chegar para você e lhe pedir uma coisa, faça, na hora, recomendo isso a todos eles. Até o meu filho que se formou, que é doutor, eu ensino ele: Márcio isso é assim e assim. Eu tenho pouca letra, ele tem muita, mas eu repreendo: isso tá errado meu filho! Você não está vendo que isso não dá certo?

Osmar, por sua vez, chama a atenção para o fato de que

O homem tem que começar a trabalhar é de novo, tá certo que no mato tem criança que começa a trabalhar muito novo. É exagerado, porque a pessoa perde a juventude, não tem tempo para estudar. Mas também não pode ser como na cidade, que nem trabalha e nem vai para escola. É uma falta de interesse... As crianças não gostam de estudar e nem se esforçam. Quem leva uma vida sem trabalhar e sem estudar se acostuma com a moleza. Fica ruim para continuar a vida, quando tiver de maior. Quem cedo trabalha acha ruim quando não tem trabalho, gosta é quando tem trabalho; quem não se acostumou a trabalhar, a dar duro desde cedo, quando é adulto tem é raiva do trabalho.

Nestes relatos, os sertanejos reforçam a representação do trabalho apreendida nas interações sociais da infância e juventude, ou seja, de que através do trabalho é que o indivíduo se faz merecedor de honrarias; acrescentam, atualmente, que o estudo também é dignificante. É importante estudar, mas tem que começar a trabalhar cedo.

Referências

- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Ed., 1997.
- DURHAN, E. R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- NEVES, F. de C. *A multidão e a história: saques e*

- outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- PASTOUREAU, M. *Os emblemas da juventude: atributos e representações dos jovens na idade medieval*. In: GIOVANNI, L. História dos jovens. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v.1, p. 254-263.
- RAMOS, G. *Vidas secas*. São Paulo: Record, 1998.
- REDFIELD, R. *O mundo primitivo e suas transformações*. São Paulo: Sociologia e Política, 1956.
- SIMMEL, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

Data do Aceite: 2005